

Os Fuzilamentos de Setúbal: um crime republicano

Na passagem dos 114 anos dos assassinatos de Mariana Torres e António Mendes, em Setúbal, na sequência de um episódio de greve e manifestação por melhores condições de trabalho na indústria conserveira, recordamos esta trágica ocorrência do início da Primeira República Portuguesa

A 13 de março de 1911, em Setúbal, decorria um dia de uma sucessão de greves operárias que vinham a desenrolar-se há algum tempo, e mais vincadamente desde o mês de fevereiro, organizada por trabalhadores da indústria de conservas de peixe que reivindicavam melhores salários e condições dignas de trabalho. A isto respondia o governo com o envio de força armada, expedindo a recém-criada Guarda Republicana tanto para proteger o patronato, que assim o exigiu, como também para reprimir a greve, acabando isto por culminar em tragédia. Neste dia, aponta o docente e historiador Álvaro Arranja, aconteceu que os patrões de duas fábricas conserveiras tentaram contornar a greve transportando mercadorias sob escolta da Guarda Republicana. Durante a passagem de uma dessas carroças pela Avenida Luísa Todi, ocorreram confrontos entre os grevistas e as forças de segurança que dispararam contra a multidão resultando o episódio na morte dos operários Mariana Torres e António Mendes, havendo ainda a registar vários feridos entre a multidão. Isto acontece igualmente, frisa Álvaro Arranja, porque *“a República herda uma sociedade baseada na desigualdade social profunda, com uma oligarquia económica pouco habituada a ver contestados os seus privilégios”*.

Este acontecimento, que se verificou apenas a cerca de seis meses após a implantação da república em Portugal, em 5 de outubro de 1910, contextualmente teve lugar num tempo de instabilidade social e com o país a enfrentar uma série de conflitos sociais e políticos. O movimento operário e sindical, influenciado por ideias anarquistas e socialistas, começou a organizar-se e a reivindicar melhores condições de trabalho e direitos sociais. No entanto, o governo republicano, liderado pelo Partido Democrático, adotou uma postura repressiva contra essas mobilizações, temendo que elas pudessem desestabilizar o regime.

Os Fuzilamentos de Setúbal tiveram um impacto significativo na história do movimento operário português pois puseram em evidência a tensão entre o governo republicano e as classes trabalhadoras, além de expor a fragilidade do regime em lidar com as demandas sociais. O evento também contribuiu para o crescimento do descontentamento popular e para o fortalecimento das correntes políticas mais radicais desta altura.

Este incidente gerou uma onda de indignação no país, levando à convocação da primeira greve geral em Portugal, a 20 de março de 1911, em solidariedade com os trabalhadores de Setúbal. Este episódio é lembrado anualmente por organizações sindicais e associações locais, destacando-se a importância da luta pelos direitos dos trabalhadores e a memória daqueles que sacrificaram as suas vidas por melhores condições laborais. Em homenagem a Mariana Torres e aos operários conserveiros, foi inaugurada em 2016 uma estátua no Largo da Fonte Nova, em Setúbal, simbolizando a resistência e a luta pelos direitos laborais, numa luta que acontecia em grande parte no feminino já que as

mulheres auferiam salários consideravelmente inferiores aos dos homens, até mesmo quando desempenhavam as mesmas tarefas.

No documento ilustrativo deste artigo, que tem o código de referência PT/AMSTB/CMSTB/N-A-01/005/005 do Arquivo Municipal de Setúbal e que se constitui como o assento de óbito de Mariana Torres e António Mendes, é possível ler-se que a morte dos trabalhadores fabris foi causada por ferimentos por arma de fogo.